

UMA ANÁLISE DOS DIMINUTIVOS NA TRADUÇÃO DA HISTÓRIA EM QUADRINHOS TINTIN EN AMÉRIQUE PARA O PORTUGUÊS BRASILEIRO

Renato Miguel BASSO¹
Michele Bete PETRY²

RESUMO: Neste trabalho, analisamos o uso dos diminutivos na tradução, para o português brasileiro, da história em quadrinhos *Les aventures de Tintin: Tintin en Amérique*. Este trabalho está estruturado em duas partes: a primeira é dedicada ao estudo dos diminutivos a partir de referenciais teóricos da linguística que apresentam uma reflexão sobre a formação dos diminutivos do ponto de vista da morfologia, da fonologia e da semântica; a segunda parte, por sua vez, é dedicada à análise do uso dos diminutivos na tradução da história em quadrinhos *Tintin na América*, tomando-se como referência a versão em francês *Tintin en Amérique* e as abordagens linguísticas apresentadas na primeira parte.

PALAVRAS-CHAVE: Diminutivos. Tradução. Morfologia. Semântica. Pragmática.

1 Departamento de Letras – Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), rmbasso@gmail.com

2 Programa de Pós-Graduação em Educação – Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), michepetry@yahoo.com.br

Introdução

O diminutivo já foi objeto de estudo na análise das traduções de William Shakespeare, Eça de Queirós, Monteiro Lobato e, brevemente, de Jorge Amado,³ por exemplo, e vem suscitando o interesse de vários pesquisadores na medida em que aparece como um recurso importante para a expressão de valores semânticos e pragmáticos particulares em diferentes línguas e culturas. Neste trabalho, especificamente, o objetivo é analisar o uso dos diminutivos na tradução da história em quadrinhos *Les aventures de Tintin: Tintin en Amérique*, do francês para o português brasileiro, pois, diferentemente das traduções citadas, há aqui um entorno imagético interessante e diferenciado, que traz desafios específicos para uma tradução.

Escrita e desenhada inicialmente em 1931 pelo belga Georges Prosper Rémi (1907-1983), a história em quadrinhos *Tintin en Amérique* teve sua primeira publicação em 1932 e foi aprimorada ao longo dos anos; sua última versão publicada foi nos anos de 1970. Trata-se do terceiro álbum de uma série de vinte e quatro histórias em quadrinhos intituladas *Les aventures de Tintin*.

Nessas histórias, são apresentados como personagens principais o jovem repórter Tintim e o cachorro Milu, seu companheiro de aventuras por diversos lugares do mundo. Na história em quadrinhos *Tintin en Amérique*, Hergé, como assim ficou conhecido o autor, narra com humor as aventuras de Tintim e Milu no combate aos gângsteres de Chicago. A primeira tradução desse álbum para o português vinha sendo anunciada pela revista portuguesa *O Papagaio*, de número 51, ainda na década de 1930, porém essa tradução só apareceu de fato na edição número 69 da revista, sob o título *Aventuras de Tim-Tim na América do Norte*.

3 O tema foi abordado, respectivamente, nos trabalhos de Prado (2005), Duarte (2008), Abreu (2010) e Santos (2001).

A tradução para o português brasileiro, que será aqui analisada, foi feita por Eduardo Brandão e foi publicada em 2008 pela Editora Companhia das Letras, sob o título *As aventuras de Tintim: Tintim na América*. Nossa análise será feita cotejando a versão brasileira com a versão do álbum em francês *Les aventures de Tintin: Tintin en Amérique*, publicado no ano de 2006, pela Editora Casterman.

Para avaliar os valores semânticos e pragmáticos que os diminutivos apresentam nessa tradução, nosso primeiro passo é entender a formação e o funcionamento dos diminutivos; a isso se dedica a primeira parte deste artigo, “Notas sobre a formação e as funções dos diminutivos”, a partir dos estudos de Armelin (2011), De Belder, Faust e Lampitelli (2009), Santos (2001) e Turunen (2009), que apresentam uma reflexão sobre a formação dos diminutivos do ponto de vista da morfologia; Lee (2012) e Turunen (2009), que investigam a formação dos diminutivos do ponto de vista da fonologia; e Jurafsky (1996), Prade (1991) e Turunen (2006), que discutem o uso dos diminutivos do ponto de vista da semântica e da pragmática. Nosso foco está centrado nas interpretações do diminutivo e em como elas são levadas em conta na tradução em tela, portanto, na primeira parte do presente artigo apenas passaremos em revista as questões estruturais, dedicando mais tempo aos valores semânticos e pragmáticos associados ao diminutivo. A segunda parte deste artigo, “Uma análise sobre o uso dos diminutivos na tradução de *Tintin en Amérique*”, por sua vez, é dedicada à análise do uso dos diminutivos na tradução da história em quadrinhos *Tintim na América*, tomando-se como referência a versão em francês *Tintin en Amérique* e as abordagens linguísticas apresentadas na primeira parte.

Notas sobre a formação e as funções dos diminutivos

Morfossintaxe e fonologia do diminutivo

É possível verificar que a formação dos diminutivos no português brasileiro (e também no francês) corresponde, em boa medida, àquela das línguas clássicas, como o grego e o latim. De acordo com Santos (2001, p. 71),

[...] as línguas clássicas dispunham de sufixos diminutivos, que se pospunham aos substantivos. Para a formação do diminutivo de substantivos usavam-se no grego clássico os sufixos “ιον – ιδιον – αριον – ισκοσ – υδριον – υλλιον”, por exemplo, em: “ολκασ – ολκαδιον (barco – barquinho), νησος – νησιδιον (ilha – ilhota), ζωον – ζωαριον (animal – animalzinho), αστερ – αστερισκοσ (estrela – estrelinha), μελοσ – μελυδριον (canção – cançoneta), ειδος – ειδυλλιον (imagem – figurinha, quadrinho).

Para a formação do diminutivo de substantivos no caso do latim “havia à disposição, entre outros, os sufixos diminutivos: ulus – culus – ellus – illus – unculus” (SANTOS, 2001, p. 72), por exemplo, em: “parvus – parvulus (crianças-criancinhas), versus – versiculus (verso-versinho), miser – misellus (pobre-pobrezinho), homo – homunculus (homem-homen pequeno)”.

Considerando a existência de uma relação entre as línguas modernas e clássicas, no português brasileiro a formação do diminutivo de substantivos seguiria, então, o mesmo processo que “se dá mediante o acréscimo dos sufixos diminutivos –inho/ –inha ou –zinho/ –zinha” (SANTOS, 2001, p. 73), e de outros não tão usais como “a. –ebre: casebre; b. –im: flautim; c. –ote: frangote; d. –ejo: lugarejo; e. –acho: riacho; f. –ela: rodela” (ARMELIN, 2011, p. 04). Essa série de sufixos faz parte de uma extensa lista apresentada pelas gramáticas que, conforme Turunen (2009), podem chegar a mais de 20: “-inho/a, -zinho/a, -ino/a, -im, -acho/a, -icho/a, -ucho/a, -ebre, -eco/a, -ico/a, -ela, -elho/a, -ejo, -ilho/a, -ete, -eto/a, -ito/a, -zito/a, -ote/a, -isco/a, -usco/a, -ola” (p. 16).⁴

Ainda sobre esse processo de formação dos diminutivos, é importante destacar a variedade de palavras, para além dos substantivos, que podem ter diminutivos formados a partir dos sufixos mencionados. De acordo com Armelin (2011, p. 05),

4 xevb *-*/Conforme dissemos na Introdução, apenas notaremos os aspectos mais globais sobre a morfologia dos diminutivos em português (e também em francês), que seguem, em linhas gerais, o que vemos nas línguas clássicas, ou seja, trata-se de uma formação sufixal. Para um trabalho mais aprofundado sobre o tema em português, cf. Rio-Torto (1993); para uma avaliação crítica da ideia de que diminutivos (e aumentativos) sejam de fato o resultado de derivação morfológica, cf. Fortin (2011).

[...] tais elementos [i.e., os sufixos de diminutivo] podem se anexar a diferentes categorias, como substantivo, adjetivo, advérbio e forma gerundiva dos verbos, como se pode ver nos exemplos abaixo:

- (3) a. menino – menininho/ meninão
 b. bonito – bonitinho/ bonitão
 c. lento – lentinho/ lentão
 d. correndo –correndinho/ correndão

Essa formulação aparece de modo ainda mais amplo em Turunen (2009), uma vez que a autora procura se afastar das normas estabelecidas pelas gramáticas ao estudar o diminutivo a partir de seu uso efetivo pelos falantes do português brasileiro, destacando que

[...] tal abordagem é compartilhada por Ezarani (1989), que na sua pesquisa sobre as formações X-inho na fala carioca constata a flexibilidade do sufixo *-inho* ao operar em uma variedade de categorias gramaticais. A autora (ibid., p. 28-29) afirma a legitimidade e a frequência das formações com o sufixo *-inho* nas seguintes categorias: substantivo (*mesa-mesinha*), adjetivo (*bonito- bonitinho*), numeral (*duas-duzinhas*), pronome (*ela-elazinha*), advérbio (*cedo-cedinho*), verbo (*dormindo-dormindinho*). A autora observa ainda que até artigos, preposições, conjunções e interjeições, quando substantivados, podem receber o acréscimo do sufixo *-inho*. Cabe acrescentar, ainda, que formações a partir de siglas também são possíveis no português do Brasil: *PMzinho*, *PSDBzinho*, *TVzinha*, *Cdzinho*. (TURUNEN, 2009, p. 24)

A formação de diminutivos no português brasileiro pode ser compreendida, em princípio, a partir de três abordagens, por vezes complementares: a morfológica, a fonológica e a semântica.

Do ponto de vista da morfologia, a formação dos diminutivos de palavras não-verbais pelos sufixos *-inho* e *-zinho*⁵ ocorre de duas maneiras, conforme afirma Lee (1999, p. 01): “O primeiro sufixo (*-inho*) é acrescido aos radicais com vogais temáticas (*-a*, *-o*, *-e*, que representam, nas palavras não-verbais,

5 Poderíamos considerar que há apenas um sufixo diminutivo, por exemplo, *-inho*, e que *-zinho* é estruturalmente condicionado. Essa saída é, obviamente, mais econômica e elegante do ponto de vista morfossintático. Aqui, contudo, prezaremos mais pela descrição e portanto optaremos por dizer que são dois sufixos.

classes morfológicas, como número e gênero), enquanto o segundo sufixo (-*zinho*) é acrescido aos radicais sem vogais temáticas”, como nos exemplos seguintes:

janela – *janelinha*
livro – *livrinho*
presente – *presentinho*
mar Ø – *marzinho*

Há, também, a possibilidade de uma palavra carregar ao mesmo tempo os sufixos diminutivos –*inho* e –*zinho*, nessa ordem, conforme os exemplos apresentados por Armelin (2011, p. 05):

- a. carro – *carrinhozinho*/ **carrozinhoinho*
- b. cachorro – *cachorrinhozinho*/ **cachorrozinhoinho*.

Embora, em princípio, haja certo consenso sobre o processo de formação dos diminutivos, o enquadramento desse processo como flexão ou derivação é algo bem mais controverso. Guardadas as complexas especificidades desse debate, destacaremos aqui uma teoria *morfossintática*, elaborada por De Belder, Faust e Lampitelli (2009) para pensar a formação dos diminutivos no italiano, hebraico moderno, inglês, alemão, francês, tunisiano, árabe egípcio, polonês e espanhol, pois ela permite estabelecer algumas aproximações com o que ocorre no português brasileiro.

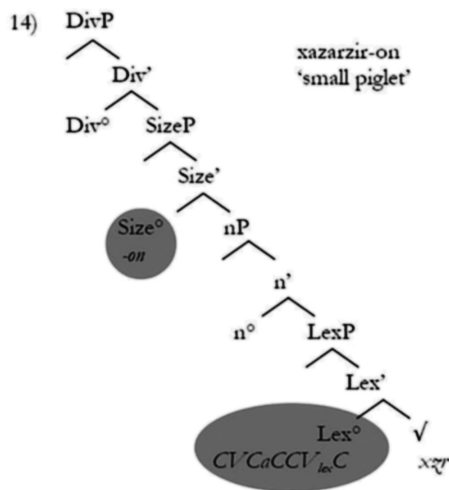
De acordo com a teoria exposta pelos autores, “diminutives can appear both in the derivational and in the inflectional domain” (DE BELDER; FAUST; LAMPITELLI, 2009, p. 01), existem dois tipos de interpretação possíveis para as palavras resultantes da combinação com sufixos de diminutivo, a saber: a interpretação composicional (quando o significado se aproxima da base de formação: *lata* → *latinha*) e a interpretação não-composicional (quando o significado se afasta da base de formação: *mulher* → *mulherzinha* (i.e., com

significado pejorativo)). Na tentativa de compreender por que os diminutivos oferecem essas interpretações, os autores procuram estabelecer uma relação entre a sintaxe e a semântica dos diminutivos. A ideia apresentada, então, é a de que esses dois tipos de interpretação estão ligados à existência de duas posições sintáticas diferentes que podem ser ocupadas pelos sufixos diminutivos: a *LexP* e *SizeP*; sendo assim, cada uma das interpretações geradas pelo diminutivo teria uma história de formação/composição distinta.

A primeira posição, *LexP*, estaria ligada ao domínio estrutural da morfologia interna (*inner morphology*) e localizada “below the first categorial node” (DE BELDER; FAUST; LAMPITELLI, 2009, p. 01); a segunda estaria ligada ao domínio estrutural da morfologia externa (*outer morphology*) e localizada “beyond the first categorial node” (DE BELDER; FAUST; LAMPITELLI, 2009, p. 01), como nos exemplos do hebraico moderno apresentados por De Belder, Faust e Lampitelli (2009, p. 04):

Noun	Temp.DimLEX	Concat.DimSIZE
a. xazir ‘pig’	xazarzir ‘piglet’	xazir-on ‘small pig’
b. bacal ‘onion’	bcalcal ‘shallot’	bcal-on ‘small onion’
c. xatul ‘cat’	xataltul ‘kitten’	xatul-on ‘small cat’
d. kélev ‘dog’	klavlav ‘puppy’	kalb-on ‘small dog’
e. géver ‘man’	gvarvar ‘macho’	gavr-on ‘small man’
f. xamor ‘donkey’	*xamarmor	xamor-on ‘small donkey’

De acordo com os autores, “The two positions for diminutive – *LexP* and *SizeP* – are realized using two radically different morphological strategies” (DE BELDER; FAUST; LAMPITELLI, 2009, p. 04). Considerando os exemplos do hebraico acima, o que teríamos, no caso da posição *LexP*, é a estratégia de “Templatic reduplication”, e no caso da posição *SizeP*, a estratégia utilizada é a de “Concatenation of –on”. Nesse sentido, o que ocorre, por exemplo, em (1a) pode ser visualizado no seguinte exemplo de De Belder, Faust e Lampitelli (2009, p. 04):



Esquema 1: Possibilidades de derivação do diminutivo segundo De Belder, Faust e Lampitelli (2009)

A principal consequência do uso dessas duas estratégias para a formação dos diminutivos nas posições sintáticas *LexP* e *SizeP* seriam, então, os dois tipos de interpretação: a interpretação composicional estaria presente nas palavras formadas por diminutivos na posição sintática *SizeP*, e a interpretação não-composicional estaria presente nas palavras formadas por diminutivos na posição sintática *LexP*. Mais adiante, na seção “Semântica e pragmática do diminutivo”, nos aprofundaremos sobre a interpretação dos diminutivos.

Armelin (2011) adota a teoria de De Belder, Faust e Lampitelli para lidar com a formação dos diminutivos no português brasileiro. Nesse sentido, a autora aponta que:

No caso dos elementos não-composicionais, a nossa proposta é a de que eles se anexam diretamente a uma raiz nua, ainda não- categorizada, e formam com ela um domínio fechado de interpretação. Essa interpretação, que é negociada localmente entre raiz e morfema não-composicional deve ser carregada ao longo de toda a derivação [...]. Por sua vez, os elementos composicionais são anexados a raízes já categorizadas. Nesse caso, a negociação de significado já está pronta quando o

elemento não-composicional entra na estrutura, de modo que ele já não consegue influenciar tão fortemente tal semântica, que deverá ser, então, previsível e bastante relacionada com a semântica da base. (ARMELIN, 2011, p. 21)

Esse tipo de teoria sobre a formação de diminutivos é importante pois reflete estruturalmente o fato de que os diminutivos têm interpretações variadas. Não nos aprofundaremos, contudo, em análises morfológicas, dado que nosso foco é simplesmente apontar as diferentes interpretações dos diminutivos e categorizá-las para então analisar esses sufixos na tradução da obra *Tintin en Amérique*.

Outra perspectiva de análise sobre a formação dos diminutivos no português brasileiro vem da *fonologia* que, apesar de ser um campo de estudo distinto da morfologia, mantém estreitas relações com ela, o que é bem expresso por Lee (1999) ao afirmar que “a morfologia é distinta e separada da fonologia, mas as regras fonológicas aplicam-se nos objetos criados pela morfologia, a não ser que haja falta de isomorfia entre as estruturas morfológicas e as estruturas fonológicas” (p. 04). A ideia de que os aspectos fonológicos são aplicados aos objetos criados pela morfologia também é destacada por Armelin (2011) quando a autora diz que “de maneira geral, a sintaxe gera feixe de traços morfossintáticos que, somente mais tarde na derivação, ganharão sua forma fonológica” (p. 08). Nesse sentido, é possível verificar que a formação dos diminutivos do ponto de vista fonológico também apresenta distinções referentes ao uso dos sufixos *-inho* e *-zinho*. Parece haver um consenso entre os linguistas de que o sufixo *-inho* é a base primeira para a formação dos diminutivos, e o sufixo *-zinho*, por sua vez, é utilizado em casos com características fonológicas específicas. De acordo com Lee (1999, p. 01-02):

Nas palavras proparoxítonas e nas palavras que terminam em sílaba pesada, o diminutivo é formado através da afixação do morfema - zinho, como mostra (2): (2) a. lâmpada -> lampadazinha número -> numerozinho b. judeu -> judeuzinho troféu -> trofeuzinho irmão -> irmãozinho c. mar -> marzinho sol -> solzinho.

Esses dois casos aparecem de modo ampliado na formulação de Turunen (2009), ao apontar que “o sufixo *-zinho* deve ser utilizado, por exemplo, com os substantivos proparoxítonos (*lâmpada-lampadazinha*) e quando o radical termina em vogal nasal (*manhãzinha*), em vogal acentuada (*cafezinho*), ditongo (*coraçãozinho*), em r (*mulherzinha*) ou l (*finalzinho*)” (p. 21-22). Embora o sufixo *-zinho* seja utilizado especificamente nesses casos, no português brasileiro existem variações fonológicas de caráter regional que também permitem o uso do sufixo *-inho*, por exemplo “no caso de ditongação (*painho, mãinha*)” (TURUNEN, 2009, p. 22). Entretanto, de acordo com Turunen, “se há distinção entre *-inho* e *-zinho*, esta estará no plano fonético-fonológico e/ou morfológico, e não no semântico-pragmático, no qual os elementos se equivalem” (2009, p. 22).

Obviamente, o que vimos até aqui é apenas uma pequena mostra da complexidade envolvida na formação dos diminutivos no português brasileiro do ponto de visto morfo- fonológico. Antes de vermos, na próxima seção, considerações semânticas sobre os diminutivos, é preciso dizermos algumas poucas palavras sobre o diminutivo em francês.

Ao passo que a formação de diminutivos por sufixos é bastante produtiva no português brasileiro, o mesmo não ocorre no francês contemporâneo. Apesar da existência de sufixos diminutivos como *-et*, *-elle*, *-in*, *-ot* e *-on* (BALLY, 1944, p. 249; cf. TURUNEN, 2006, p. 3011), o francês moderno recorre, por vezes, a “adjetivos como *mignon, charmant, joli, gentil*, e, antes de tudo, *petit*” (HERRISON 1956 apud TURUNEN, 2006, p. 3011) para veicular nuances de significado semelhantes àquelas veiculadas pelas sufixos diminutivos do português; tal estado de coisas permite considerar que a formação de diminutivos por meio de sufixos na língua francesa não seria apenas pouco usual, como estaria em declínio. Destacada essa diferença, é ainda mais interessante compreender quando, como e por quê há o uso de diminutivos na tradução “Tintim na América”, objetivo da segunda parte deste artigo.

Semântica e pragmática do diminutivo

Do ponto de vista da semântica, os dois principais sufixos diminutivos desempenham do PB (i.e., *-inho* e *-zinho*), em princípio, as mesmas funções. Essas funções, concernentes a todas as línguas, foram objetos de estudo ainda na Antiguidade por gramáticos de línguas clássicas, como o grego e o latim. Um desses gramáticos, Prisciano (século VI E.C.), entendia que o uso do diminutivo está ligado a três situações e valores principais:

[...] o diminutivo *uel necessariae significationis causa*, traduzido por Delhay como “*par necessité*”, ou seja, “por necessidade” pode ser visto como correspondendo ao valor diminuição gradativa. O diminutivo *uel urbanitatis causa*, traduzido por Delhay como “*par politesse*”, ou seja, “por polidez”, pode ser entendido como correspondente aos usos pragmáticos de polidez. Por fim, o diminutivo *uel adulationis et maxime puerorum*, traduzido por Delha y como “*par affection*”, ou seja, “por afecção”, parece corresponder aos usos afetivos dos diminutivos”. (apud TURUNEN, 2009, p. 17-18)

Apesar da evidência desses três aspectos (necessidade, polidez e afecção), a função normalmente associada aos diminutivos do português brasileiro pelas gramáticas é a de grau, o que revela que “as descrições disponíveis não correspondem ao conhecimento lexical dos falantes do português” (TURUNEN, 2009, p. 19), em outras palavras, o uso que os falantes do português fazem dos diminutivos está ligado a funções que vão muito além daquelas descritas pelas gramáticas. Essa constatação é um forte argumento a favor da tese de que os sufixos – *inho* e *-(z)inho* assumem outras funções além daquela de tamanho. Nesse sentido, diversos são os trabalhos que se dedicam a pensar o valor semântico e pragmático dos diminutivos, entre os quais se destaca o de Jurafsky (1996), “Universal tendencies in the semantics of the diminutive”, por apresentar um modelo universal de compreensão dos diminutivos a partir da ideia de categoria *radial*, que seria “a type of structured polysemy that explicitly models the different senses of the diminutive and the metaphorical and inferential relations which bind them” (p. 533).

Na tentativa de apreender essa estrutura polissêmica, outros estudiosos vêm se dedicando à elaboração de categorias representativas do conteúdo semântico dos diminutivos no português brasileiro. Prade (1991), por exemplo, ao comentar e analisar as formas diminutivas do PB, confrontando-as com suas traduções para o inglês e o alemão, apresenta cinco categorias de diminutivos conforme o valor de significado no seu contexto: pequenez, carinho, ternura, afetividade e desprezo. Turunen (2006), por sua vez, ao analisar a tradução para o francês dos diminutivos presentes na obra *Dona Flor e seus dois maridos*, de Jorge Amado, apresenta nove categorias de diminutivos conforme os valores que veiculam: tamanho, afetividade, pejoratividade, ironia, espaço/tempo/quantidade/mofo, totalidade, superlatividade, apreciação e atenuação, além de haver ainda uma categoria de “resíduos”, que reúne diminutivos com um valor semântico diferente dos mencionados anteriormente. Diante da ampla gama de significados veiculados pelos diminutivos, apreender essa estrutura polissêmica na língua de partida e transpô-la para outra língua é um grande desafio na tarefa do tradutor quanto ao uso dos diminutivos.

Dentre os significados listados acima para os diminutivos, é possível depreender algumas recorrências vistas pelos autores, como a diminuição de fato veiculada pelos diminutivos e a “afetividade”, entendida como afetividade propriamente dita e pejoratividade, além dos “resíduos”, que podem conter reforços/intensificações e palavras autônomas, como veremos na sequência. Com base nessa constatação, propomos uma organização semântico-pragmática dos diminutivos em três categorias, que serão aplicadas na análise dos usos específicos de diminutivos na tradução de *Tintin en Amérique* para o português:

- (i) *Interpretação composicional do diminutivo*: ligada aos diminutivos formados pela presença dos sufixos *-inho* e *-zinho* que expressam exclusivamente a ideia de tamanho;⁶

6 Lançando mão das ideias de De Belder, Faust e Lampitelli (2009) e Armelin (2011), se quisermos considerar uma implementação morfossintática, podemos dizer que se trata dos diminutivos formados com o sufixo na posição *SizeP*.

- (ii) *Interpretação não-composicional do diminutivo*: ligada às novas palavras formadas pelos sufixos diminutivos *-inho* e *-zinho*, cujos significados não podem ser compreendidos por meio das partes que as compõem;
- (iii) *Interpretação não-estritamente composicional do diminutivo*: ligada aos diminutivos formados pela presença dos sufixos *-inho* e *-zinho*, que veiculam a ideia de expressividade, de valores como afetividade, apreciação, intensificação, ironia e pejoratividade.

Como é possível notar, na divisão acima consideramos que o uso primitivo dos sufixos diminutivos é de fato indicar diminuição de tamanho, e por isso sua combinação composicional é aquela na qual é possível “calcular” o valor de uma base+sufixo_diminutivo, que será uma “versão menor” da denotação da base, como em ‘mesa’+‘-inha’ = ‘mesinha’ (mesa pequena). A interpretação não composicional é aquela na qual não podemos aplicar a regra “base+sufixo_diminutivo = “versão menor” da denotação da base”, como podemos ver ao considerarmos a palavra ‘amarelinha’, que não pode ser compreendida como ‘amarelo pequeno’, mas, sim, como uma brincadeira, um jogo. Nesses usos, o que temos, na verdade, é uma palavra nova e o sufixo não pode ser interpretado composicionalmente, como contribuindo com o que ele normalmente contribui nos usos composicionais.

Por sua vez, nos usos que chamamos de “não-estritamente composicional” encontramos a maior variedade de significados, que vão desde os usos pejorativos, afetivos e de intensificação, como os exemplos abaixo mostram:

- (1) Esse juizinho tá de brincadeira!
- (2) (Pedro diz:) João falou que o cachorrinho da Maria já tá com 40 quilos.
- (3) Termina essa tarefa agorinha!

Em (1), o falante claramente tem uma atitude ruim com relação ao juiz em questão, e isso fica evidente com o uso de ‘juizinho’. O ‘agorinha’ de (3)

é, em algum sentido, mais forte/intenso que simplesmente ‘agora’. Finalmente, o ‘cachorrinho’ em (2) não se refere às dimensões espaciais do cachorro da Maria, mas, sim, veicula que Pedro tem uma atitude positiva/afetiva com relação ao cachorro da Maria. Além disso, o discurso indireto representado em (2) mostra que, mesmo que seja o João quem tenha usado ‘cachorrinho’, a afetividade está veiculada ao falante que emprega no proferimento em questão o diminutivo, ou seja, no caso de (2), Pedro. Imagine uma situação na qual João diga a Pedro: “O cachorrinho da Maria já tá com 40 quilos” – nessa situação parece claro que é João quem tem uma atitude positiva para com o cachorro da Maria e a comunica a Pedro. Em (2), o que é interessante notar é que a afetividade está necessariamente ligada agora ao Pedro e apenas possivelmente ao João, mesmo que Pedro esteja reportando a fala do João.⁷ Conforme os dados das seções seguintes mostrarão, essa categoria foi a que mais apareceu na tradução.

Enquanto o uso dos diminutivos no português brasileiro será analisado a partir das três categorias (composicional, não composicional e não-estritamente composicional), a sua equivalência no francês será analisada a partir de outras três categorias: (a) *Estrutura linguística*: quando o texto apresenta uma estrutura linguística que sugere o uso do diminutivo no português; (b) *Contexto de enunciação*: quando o contexto de enunciação do discurso indica as funções correspondentes ao uso do diminutivo no português; (c) *Imagem*: quando a imagem que complementa o texto indica as funções correspondentes ao uso do diminutivo no português.

Considerando essas categorias, a análise e discussão a respeito do uso dos diminutivos na tradução de *Tintin en Amérique* para o português será apresentada na próxima parte.

⁷ Há um denso e complexo debate sobre a semântica desses casos, chamados em geral de “expressivos”, como mostram os trabalhos de Potts (2005) e Fortin (2011), entre vários outros. Aqui, nos limitaremos a notar seu funcionamento básico e chamar a atenção para sua diversidade de usos e constante emprego.

Uma análise do uso dos diminutivos na tradução de *Tintin en Amérique*

A partir do levantamento realizado, foram identificados na tradução de *Tintin en Amérique* para o português brasileiro 31 diminutivos de palavras formados pelos sufixos *-inho* e *-zinho* (conforme indica o Quadro 1), que aparecem em 53 casos, dos quais serão analisados 43 casos distintos, e que podem ser apresentados de acordo com a tipologia proposta no final da primeira seção.

	Diminutivo	Formação Sintática	Interpretação
01	<i>Devagarinho</i>	SizeP	Não-Composicional
02	<i>Reporterzinho</i>	SizeP	Não-Composicional
03	<i>Tchauzinho</i>	SizeP	Não-Composicional
04	<i>Trenzinho</i>	SizeP	Não-Composicional
05	<i>Cãozinho</i>	SizeP	Não-Composicional
06	<i>Miluzinho*</i>	SizeP	Não-Composicional
07	<i>Cidadezinha**</i>	SizeP	Composicional
08	<i>Passarinho</i>	LexP	Não-Estritamente Composicional
09	<i>Mocinho**</i>	LexP	Não-Composicional
10	<i>Calminha**</i>	LexP	Não-Composicional
11	<i>Engraçadinho</i>	LexP	Não-Composicional
12	<i>Rapidinho**</i>	LexP	Não-Composicional
13	<i>Patinho</i>	LexP	Não-Estritamente Composicional
14	<i>Direitinho</i>	LexP	Não-Composicional
15	<i>Presentinho</i>	LexP	Não-Composicional
16	<i>Prontinho***</i>	LexP	Não-Composicional
17	<i>Surpresinha</i>	LexP	Não-Composicional
18	<i>Machadinha****</i>	LexP	Não-Estritamente Composicional
19	<i>Boquinha</i>	LexP	Não-Estritamente Composicional
20	<i>Esforcinho</i>	LexP	Não-Estritamente Composicional
21	<i>Traguinho</i>	LexP	Não-Composicional
22	<i>Golinho</i>	LexP	Não-Composicional

23	Uisquinho	LexP	Não-Composicional
24	Fresquinha	LexP	Não-Composicional
25	Cachorrinho	LexP	Composicional
26	Pouquinho	LexP	Não-Composicional
27	Novinhas	LexP	Não-Composicional
28	Espertinho	LexP	Não-Composicional
29	Amiguinho**	LexP	Não-Composicional
30	Horinha	LexP	Não-Composicional
31	Tadinho	LexP	Não-Composicional
<p>* Esse caso ocorre dez vezes ** Esse caso ocorre duas vezes *** Esse caso ocorre três vezes **** Esse caso ocorre sete vezes</p>			

Quadro 1: Ocorrências de diminutivos

Interpretação composicional

A *interpretação composicional* dos diminutivos, que indica a diminuição gradativa de tamanho, ocorre em dois casos. O primeiro caso é quando a interpretação composicional do diminutivo no português é sugerida por uma estrutura linguística no francês que cumpre a mesma função, como é o caso do adjetivo “*petit + x*”, que aparece nas seguintes sentenças:

- (4) une toute **petite ville**, près des Réserves de Peaux-Rouges. (p. 16)
 uma **cidadezinha** perto da reserva dos peles-vermelhas. (p. 16)

Nelas, a função do diminutivo está ligada à dimensão semântica composicional, ou seja, à expressão de uma diminuição gradativa de tamanho.

O segundo caso é quando a interpretação composicional do diminutivo no português não é sugerida por uma estrutura linguística no francês que cumpre a mesma função, mas pelo contexto de enunciação, como é o caso da sentença seguinte.

(5) Avec votre **chien**, bien entendu! (p. 45)

Com seu **cachorrinho**, é claro! (p. 45)

Nessa sentença, o diminutivo é sugerido pelo contexto de enunciação – a fala de um detetive a Tintim – e formado a partir do substantivo que aparece no texto.

Interpretação não-composicional

Como dissemos, a *interpretação não-composicional* é aquela em que a função dos diminutivos está ligada ao significado da nova palavra formada que não pode ser compreendido por meio de suas partes, o que ocorre nos casos seguintes. O primeiro caso é quando a interpretação não-composicional estrita do diminutivo no português é sugerida por uma estrutura linguística no francês que cumpre a mesma função, como na sentença (6).

(6) Et maintenant, avant de nous remettre en route, mangeons un **petit morceau**. (p. 25)

Bom, antes de seguir caminho, vamos fazer uma **boquinha**. (p. 25)

Nessa sentença, o uso do diminutivo “boquinha” no português não se refere à diminuição gradativa de tamanho de “boca”, mas sim à ideia de uma refeição pequena contida nessa palavra. Nesse caso, o uso do diminutivo no português é sugerido pela estrutura linguística “petit+x” presente no francês.

O segundo caso é quando a interpretação não-composicional estrita do diminutivo de uma nova palavra no português não é sugerida por uma estrutura linguística no francês ou pelo contexto de enunciação, mas, sim, pela imagem que complementa a sentença, como é o caso de:

(7) L’**oiseau** est pris!... (p. 01)

O **passarinho** caiu na arapuca (p. 01)

(8) Et maintenant, déterrons la **hache** de guerre. (p. 19)

E agora, desenterremos a **machadinha** de guerra! (p. 19)

Na sentença (7), a ideia de ‘passarinho’ como algo que facilmente pode ser enganado (por exemplo, por uma arapuca) não pode ser apreendida pela estrutura linguística em português ‘pássaro’ ou em francês ‘oiseau’ (literalmente, ‘pássaro’), mas somente pela sua combinação com o referente imagético correspondente, ou seja, o carro como uma arapuca (Figura 1). Na sentença (8), por sua vez, a ‘machadinha’, como um instrumento ou ferramenta específico, não é capturada pelo termo ‘hache’ ou pelo contexto de enunciação, mas pelo desenho de uma pequena machada presente na história em quadrinhos (Figura 2).



Figura 1. Fonte: Hergé (2008, p. 01)



Figura 2. Fonte: Hergé (2008, p. 19)

O terceiro caso é quando as formações diminutivas de interpretação não-composicional possuem uma estrutura linguística no francês que não expressa as funções do diminutivo, sendo estas sugeridas pela combinação do texto em francês à imagem presente na história em quadrinhos. Nesse caso, o tradutor cria o diminutivo no português a partir de uma metáfora.

(9) J'ai été joué!... Et me voilà pris! (p. 12)

Fui pego que nem um **patinho**! (p. 12)

Na sentença (9), é possível observar que a especificidade do item “patinho” não é sugerida pela estrutura linguística e tampouco pelo desenho de um pato pequeno, ela está ligada, no entanto, ao desenho de Tintim caindo em um buraco e sendo preso em uma armadilha (Figura 3) e ao uso do diminutivo como uma metáfora para essa situação.

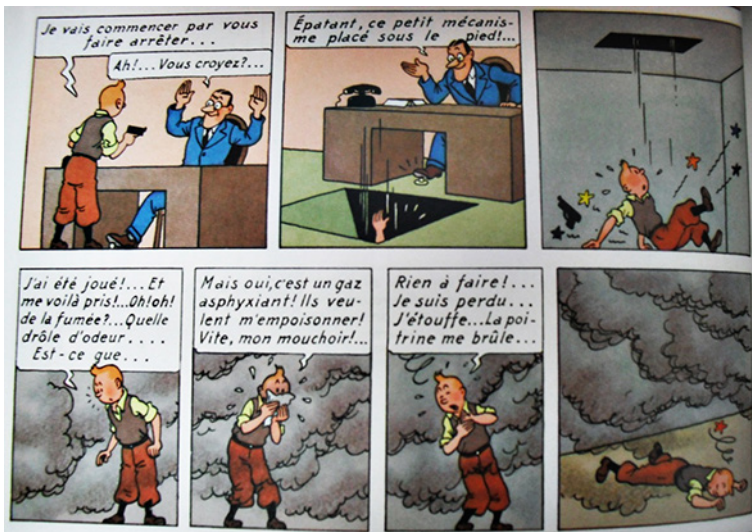


Figura 3. Fonte: Hergé (2008, p. 12)

Interpretação não-estritamente composicional

Por fim, a *interpretação não-estritamente composicional* dos diminutivos, que indica expressividade (afetividade, apreciação, intensificação, ironia e pejoratividade), ocorre em quatro casos. O primeiro caso é quando a interpretação não-estritamente composicional do diminutivo no português é sugerida por uma estrutura linguística no francês que cumpre a mesma função, como é o caso do adjetivo “petit + x”, que aparece nas sentenças seguintes:

- (10) Et c’est **petit freluquet**-là qui voulait s’attaquer à moi. (p. 05)
É esse **engraçadinho** que veio enfrentar a mim. (p. 05)
- (11) Je m’en vais leur préparer une **petite surprise**, à ces gredins. (p. 15)
Vou preparar uma **surpresinha** para esses patifes. (p. 15)
- (12) Me voilà enfin débarrassé de ce damné **petit reporter**. (p. 25)
Finalmente estou livre desse maldito **reporterzinho!** (p. 25)
- (13) Encore un **petit effort**... (p. 28)
Mais um **esforcinho**... (p. 28)⁸
- (14) Encore un tout **petit verre** (p. 36)
Só mais um **golinho** (p. 36)
- (15) Mon cher **petit ami**, nous allons bien rire... (p. 42)
Vamos nos divertir à beça, **amiguinho?** (p. 42)

Nessas sentenças, a interpretação do diminutivo corresponde a pejoratividade (em (10) e (12)), ironia (em (11), (14) e (15)) e intensificação (13). Assim, a dupla função do diminutivo (de tamanho e de expressividade) presente na estrutura linguística do francês – o adjetivo “petit + x” – permitiu que o tradutor optasse pelo uso de formações diminutivas com interpretação não-estritamente composicional. Provavelmente, a estratégia do tradutor, nesse e nos outros

⁸ Neste exemplo, é possível ter a interpretação de que se trata de um esforço pequeno, considerando uma dimensão de intensidade (de força, por exemplo).

casos descritos anteriormente (conforme mostra o Quadro 2) nos quais verificou-se essa estrutura, foi tomar o “x” que seguia o adjetivo “petit” como base para a anexação do sufixo *-inho* e *-zinho*.

Estrutura no FR	Formação	Diminutivo no PB
petite ville	cidade	cidadezinha
petit morceau	boca	boquinha
petit freluquet	engraçado	engraçadinho
petite surprise	surpresa	surpresinha
petit repórter	repórter	reporterzinho
petit effort	esforço	esforcinho
petit verre	gole	golinho
petit ami	amigo	amiguinho

Quadro 2: Interpretação não-estritamente composicional

Além disso, há um segundo caso em que o uso dos diminutivos aparece: quando os diminutivos de interpretação não-estritamente composicional no português são formados a partir de estruturas linguísticas no francês (“advérbio + x”, advérbios, substantivos, adjetivos, expressões nominais e expressões verbais) que, no entanto, não cumprem a função do diminutivo. Nesse caso, o uso dos diminutivos não é sugerido pela estrutura linguística, mas, sim, por um contexto de enunciação que implica a mesma função dos diminutivos.

Nesse sentido, considerado o contexto de enunciação das sentenças com diminutivos que possuem a estrutura linguística “advérbio + x” – em (16) uma sentença dita por Milu a Tintim e em (17) uma sentença dita por Tintim a Milu –, é possível afirmar que ambas apresentam um discurso marcado pela intensificação e, sendo essa uma das funções do diminutivo, o seu uso se torna apropriado. Assim, o tradutor toma como base para as formações diminutivas o “x” que acompanha o “advérbio” (16) e o “advérbio” que acompanha o “x” (17).

- (16) La piste est encore **toute fraîche**, Tintin (p. 42)
A pista dele ainda está **fresquinha**, Tintim (p. 42)
- (17) Encore un **peu de patience!** (p. 51)
Espere um **pouquinho** (p. 51)

Nas sentenças em que a estrutura linguística correspondente dos diminutivos é sempre um advérbio, o contexto de enunciação varia – em (18) a sentença é dita por um bandido a um comparsa; em (19) a sentença é dita por Milu para Tintim. Uma vez que nos dois contextos de enunciação está presente a mesma função expressa pelos diminutivos, que é novamente a de intensificação, o seu uso parece ser justificado.

- (18) Et maintenant, débarrassez-moi bien **vite** de ce gaillard... (p. 05)
Agora, despachem **rapidinho** esse valentão! (p.05)
- (19) **Doucement...** Pas de bruit... (p. 10)
Devagarinho, sem fazer barulho... (p. 10)

No que se refere às sentenças no francês nas quais os diminutivos são formados a partir de um “adjetivo + x”, é possível observar que, embora os adjetivos e os complementos “x” variem – “vieux + Milou”, “vieux + camarade”, “pauvre + Milou” e “brave + Milou” – o contexto de enunciação é sempre o mesmo – de (20) a (32), o discurso é feito por Tintim para Milu, de maneira a ser afetivo, o que sugere o uso adequado do diminutivo.

- (20) En avant, mon **vieux Milou!** (p. 20)
Vamos nessa, **Miluzinho!** (p. 20)
- (21) Que renifles-tu là, mon **vieux Milou** (p. 25)
O que você está farejando, **Miluzinho?** (p. 25)
- (22) Sois sans crainte, mon **vieux Milou** : nous ne moisirons pas ici (p. 27)
Não tenha medo, **Miluzinho**. Não vamos mofar aqui (p. 27)

- (23) Eh bien! mon **vieux Milou**, nous pouvons nos vanter d'avoir eu de la veine... (p. 32)
Miluzinho, desta vez realmente tivemos uma baita de uma sorte! (p. 32)
- (24) Nous allons camper ici, mon **vieux Milou** (p. 38)
Vamos acampar aqui, **Miluzinho** (p. 38)
- (25) Reste tranquillement ici, mon **vieux Milou** (p. 44)
Fique sossegado aqui, **Miluzinho** (p. 44)
- (26) Mon **vieux Milou**!... (p. 51)
Meu **Miluzinho** querido! (p. 51)
- (27) Salut, mon **vieux Milou**! (p. 59)
Oi **Miluzinho**, querido! (p. 59)
- (28) Eh bien! Mon **vieux Milou**, il était temps!. (p. 39)
Caramba, Milu! Bem na **horinha**! (p. 39)
- (29) Je savais bien que je finirais par te retrouver, mon bon **vieux camarade**!
(p. 33)
Eu sabia que ia acabar te achando, **amiguinho** velho. (p. 33)
- (30) C'est ici, sans doute, que mon **pauvre Milou** est retenu prisonnier. (p. 47)
Com certeza é aqui que meu **Miluzinho** está mantido prisioneiro. (p. 47)
- (31) Mon **pauvre Milou**!... (p. 56)
Tadinho do Milu! (p. 56)
- (32) Me voici mon **brave Milou**! (p. 51)
Estou de volta, **Miluzinho**! (p. 51)

No que se refere às sentenças nas quais os diminutivos são formados a partir de adjetivos, é possível observar que o contexto discursivo – em (33) a sentença é enunciada por uma personagem desconhecida por Tintim e em (34) por um bandido a Tintim – também faz referência a uma das funções dos diminutivos: a intensificação.

(33) Il a l'air bien **jeune**...

(p. 02) Parece bem **mocinho** (p. 02)

(34) Et nous en faisons des boîtes de corned beef **neuves** » (p. 53)

[As fábricas de automóvel nos mandam seus carros velhos] que transformamos em latas **novinhas** de carne em conserva (p. 53)

Nas sentenças em que os diminutivos são formados tendo como referente na estrutura linguística um substantivo, o contexto de enunciação – em (35) uma sentença dita por um xerife a si mesmo, em (36) por Milu a Tintim e em (37) por um bandido a Tintim – indica, respectivamente, os sentidos de apreciação, de ironia e pejoratividade, que correspondem às funções dos diminutivos empregados no português.

(35) Décidément, ce **whisky** est délicieux... (p. 36)

Eta **uisquinho** bom ! (p. 36)

(36) Nous allons de nouveau jouer au **train**, dis ? (p. 39)

Vamos brincar de **trenzinho** de novo, é? (p. 39)

(37) Quant a votre **sale cabot**, il vous accompagnera. (p. 59)

Quanto ao seu **cãozinho** nojento, vai junto com você. (p. 59)

Por fim, na sentença em que a estrutura linguística correspondente ao diminutivo é uma expressão nominal ou expressão verbal, o contexto discursivo – em (38) a sentença é dita por um bandido a Tintim, em (39) por um bandido ao seu comparsa, em (40) uma sentença dita por Milu ao chefe da estação de trem, em (41) por um bandido ao comparsa e por Tintim a Milu, e em (42) por um empresário a Tintim – remete à ideia de ironia, em (38), (39) e (40), e de intensificação, em (41) e (42), o que indica, portanto, o motivo do uso do diminutivo pelo tradutor.

(38) Du **calme**, n'est-ce pas mon petit ami (p. 05)

Calminha, garotão! (p. 05)

- (39) ...Notre gaz O.X2Z. a fait **merveille!** (p. 12)
 ...Nosso gás O.X2Z. funcionou **direitinho!** (p. 12)
- (40) **Au revoir** (p. 30)
Tchauzinho (p. 30)
- (41) Ça y est! (p. 14 e p. 27)
Prontinho! (p. 14 e p. 27)
- (42) Voilà le contrat. Signez! (p. 29)
 O contrato está **prontinho**, é só assinar. (p. 29)

Assim, embora a estrutura linguística das sentenças em francês não sugira o uso de diminutivos no português, o contexto de enunciação dessas sentenças implica um sentido que corresponde às funções dos diminutivos em português que justifica, portanto, o seu uso na tradução. Na análise realizada, os diminutivos aparecem, ainda, em um terceiro caso. Trata-se daquele no qual as formações diminutivas possuem uma estrutura linguística no francês (“substantivo”) que não expressa as funções do diminutivo, sendo estas sugeridas, então, não pelo contexto de enunciação, mas pela imagem que compõe a história em quadrinhos.

- (43) Vite, encore un **verre** (p. 36)
 Rápido, mais um **traguinho** (p. 36)

Na sentença (43) a ideia de ironia contida em “traguinho” não é expressa em “*verre*” ou em seu contexto de enunciação, ela somente é apreendida pela junção do referente textual e imagético do diminutivo que apresenta o personagem em uma situação de embriaguez após ter bebido todo o líquido da garrafa e não apenas “mais um traguinho” (Figura 4).



Figura 4. Fonte: Hergé (2008, p. 36)

Por último, é possível apresentar um quarto caso no qual estão compreendidas as sentenças com diminutivos não-estritamente composicionais no português que não são formadas a partir de uma estrutura linguística equivalente no original francês, portanto o diminutivo criado pelo tradutor a partir da combinação do texto em francês à imagem presente na história em quadrinhos que apresenta uma ideia correspondente às funções dos diminutivos.

(44) Veuillez prendre livraison de ces deux individus (p.14)

Seus policemen, um **presentinho** pra vocês (p.14)

(45) Dites donc (p. 29)

Ei, **mocinho**... (p. 29)

(46) Et surtout, n'essayez pas de jouerau plus fin (p. 61)

E não tente bancar o **espertinho**, viu? (p. 61)

Na sentença (44), também é possível verificar que a ideia de ironia presente no uso do diminutivo “presentinho” possui como referente o desenho no qual Tintin rende uma dupla de bandidos e os entrega aos policiais (Figura 5). Nas sentenças (45) e (46), as ideias de pejoratividade são construídas por um pedido de atenção expresso no texto com seu sentido completado, respectivamente, pela imagem de um policial dirigindo sua fala a Tintin (Figura 6) e de Tintin a um bandido (Figura 7). Assim, da ideia de um presente ofertado e da desqualificação dos personagens surgem as palavras das quais o diminutivo é criativamente formado.



Figura 5. Fonte: Hergé (2008, p. 14)



Figura 6. Fonte: Hergé (2008, p. 29)



Figura 7. Fonte: Hergé (2008, p. 61)

Considerações finais

O objetivo deste trabalho foi realizar uma análise linguística da interpretação e do uso dos diminutivos na tradução de *Tintin en Amérique* do francês para o português brasileiro. Nesse sentido, o trabalho foi organizado em duas partes. Na primeira, foram apresentados referenciais teóricos da morfologia, fonologia e semântica, que contribuíram para um entendimento da formação

dos diminutivos e de seu uso principalmente no português brasileiro. Na segunda, foi apresentada uma análise do uso dos diminutivos na tradução *Tintim na América* orientada por essa perspectiva e abordagens teóricas.

Assim, verificou-se que o uso dos diminutivos ocorre a partir de três interpretações – a *interpretação composicional* (de tamanho), a *interpretação não-composicional* (de palavras novas) e a *interpretação não estritamente-composicional* (de expressividade) – sob a configuração de casos distintos. No que se refere à *interpretação composicional* dos diminutivos, os casos são os seguintes: (1) quando a interpretação composicional do diminutivo no português é sugerida por uma estrutura linguística no francês que cumpre a mesma função, caso expresso pelo adjetivo “petit + x”; (2) quando a interpretação composicional do diminutivo no português não é sugerida por uma estrutura linguística no francês que cumpre a mesma função, mas pelo contexto de enunciação.

Quanto à *interpretação não-composicional* dos diminutivos, os casos são: (1) quando a interpretação não-composicional estrita do diminutivo no português é sugerida por uma estrutura linguística no francês que cumpre a mesma função, caso expresso pelo adjetivo “petit + x”; (2) quando a interpretação não-composicional do diminutivo de uma nova palavra no português não é sugerida por uma estrutura linguística no francês que cumpre a mesma função ou pelo contexto de enunciação, mas sim pela imagem que complementa a sentença; (3) quando as formações diminutivas de interpretação não-composicional possuem uma estrutura linguística no francês que não expressa as funções do diminutivo, sendo estas sugeridas pela combinação do texto em francês à imagem presente na história em quadrinhos.

Por sua vez, a *interpretação não-estritamente composicional* dos diminutivos pôde ser verificada nos seguintes casos: (1) quando a interpretação não-estritamente composicional do diminutivo no português é sugerida por uma estrutura linguística no francês que cumpre a mesma função, caso expresso

pelo adjetivo “petit + x”; (2) quando os diminutivos de interpretação não-estritamente composicional no português são formados a partir de estruturas linguísticas no francês que, no entanto, não cumprem a função do diminutivo, sendo esta sugerida, então, por um contexto de enunciação, caso expresso por “advérbio + x”, advérbios, substantivos, adjetivos, expressões nominais e expressões verbais; (3) quando as formações diminutivas possuem uma estrutura linguística no francês que não expressa as funções do diminutivo, sendo estas sugeridas, então, não pelo contexto de enunciação, mas pela imagem que compõe a história em quadrinhos; (4) quando as sentenças com diminutivos não-estritamente composicionais no português não são formadas a partir de uma estrutura linguística equivalente no original francês sendo, portanto, o diminutivo criado pelo tradutor a partir da combinação do texto em francês à imagem presente na história em quadrinhos que apresenta uma ideia correspondente às funções dos diminutivos.

Nesse ponto, parece ser importante compreender as especificidades das histórias em quadrinhos e de sua tradução. Partindo da ideia de que as histórias em quadrinhos são uma categoria das expressões gráficas de humor (caricaturas, charges e cartuns) e, mais especificamente um tipo de cartum, é possível afirmar que elas são constituídas por dois elementos principais: o texto e a imagem. Dessa forma, o texto não é legenda e a imagem não é ilustração, ambos são utilizados pelo autor para comunicar, por sua junção, o sentido pretendido. Isso ocorre em relação aos sentidos expressos pelos diminutivos no segundo e no terceiro casos da *interpretação não-composicional* e no terceiro e no quarto caso da *interpretação não-estritamente composicional* na tradução da história em quadrinhos *Tintim na América*, nos quais é possível observar que o sentido do texto é complementado pela imagem. Nesses casos em que há a ausência de um diminutivo ou de um referente textual com o conteúdo semântico equivalente ao dele na história em quadrinhos *Tintin en Amérique*, a tarefa do tradutor foi a de identificar na combinação do texto

à imagem os sentidos que podem ser expressos pelo uso dos diminutivos no português brasileiro. Essa tarefa de identificar sentidos além do texto nas histórias em quadrinhos também foi apontada por Aragão (2008) em algumas notas sobre seu estudo a respeito da análise da tradução da história em quadrinhos francesa *Astérix* para o português brasileiro. De acordo com a autora,

Ao se considerar as histórias em quadrinhos como um gênero que opera com imagem e texto, observa-se que o trabalho do tradutor não deve se limitar somente à decifração de uma língua estrangeira, antes disso, é necessário observar a relação de interdependência existente entre esses dois tipos de linguagem no gênero cômico/humorístico. (ARAGÃO, 2008, p. 1)

Considerando essa especificidade das histórias em quadrinhos, no primeiro caso da *interpretação não-composicional* e no primeiro e no segundo caso da *interpretação composicional* e *não-estritamente composicional*, embora o uso dos diminutivos na tradução *Tintin na América* seja sugerido pela existência de uma estrutura linguística ou um contexto de enunciação com o conteúdo semântico equivalente ao do diminutivo na história em quadrinhos *Tintin en Amérique*, é importante destacar que a tarefa do tradutor também foi a de verificar a coerência entre os sentidos sugeridos pelo texto e pela imagem. Assim, na tradução *Tintin na América*, realizada por Eduardo Brandão, as especificidades do gênero foram consideradas e a tarefa do tradutor consistiu, sobretudo, em identificar no texto e na imagem da história em quadrinhos *Tintin en Amérique* os sentidos que poderiam ser expressos pelo uso dos diminutivos no português brasileiro.

Esses sentidos equivalentes às funções veiculadas pelos diminutivos no português brasileiro estão ligados à interpretação composicional (de diminuição gradativa de tamanho) em três casos, à interpretação não-composicional (de diminuição gradativa de tamanho e de expressividade) em dez casos e à interpretação não-estritamente composicional (de expressividade) em 36 casos, o que indica o uso dos diminutivos na tradução para veicular a ideia

de diminuição gradativa de tamanho e, principalmente, a ideia de expressividade. É interessante notar que esses dados corroboram a conclusão de Turunen a respeito do uso dos diminutivos na tradução de *Dona Flor e seus dois maridos* para o francês, a saber: que ele aparece ligado mais à interpretação de expressividade e menos à de diminuição gradativa de tamanho. Assim, é possível afirmar que, ao identificar as funções de tamanho, afetividade, apreciação, intensificação, ironia e pejoratividade na estrutura linguística do francês, no contexto de enunciação da sentença e nas imagens que a complementavam, conforme os casos apresentados, o tradutor optou pelo uso dos diminutivos na tradução da história em quadrinhos *Tintin en Amérique* para o português brasileiro, salientando a grande produtividade dessa construção.

BASSO, Renato Miguel; PETRY, Michele Bele. *An Analysis of the Diminutives in the Brazilian Portuguese Translation of the Comic Book Tintin en Amérique*. **Revista do Gel**, São Paulo, v. 10, n. 2, p. 8-41, 2013.

ABSTRACT: *In this paper we explore the uses of diminutives in the translation from French to Brazilian Portuguese of the comic book Les aventures de Tintin: Tintin en Amérique. This paper is structured in two parts: the first one presents some theoretical problems concerning the study of diminutives from the perspective of morphology, phonology and semantics; the second part presents an analysis of the use of diminutives in the translation of the comic book Tintin na América, taking as reference the French version of Tintin en Amérique and the linguistic approaches presented in the first part.*

KEYWORDS: *Diminutives. Translation. Morphology. Semantics. Pragmatics.*

Referências

ABREU, Ana Lúcia Segadas. Pollyanna: domesticação e estrangeirização na tradução de Monteiro Lobato. **Cadernos do CNLF**, Rio de Janeiro: CiFEFiL, v. XIV, n. 2, t. 2, p. 1543-1554, 2010.

ARAGÃO, Sabrina Moura. **Questões culturais na tradução de histórias em quadrinhos**. XI Mini Enapol de Lexicologia, Lexicografia, Terminologia, Toponímia e Tradução, 2008. Apresentação Mesa-redonda. São Paulo: FFLCH/USP.

ARMELIN, Paula Roberta Gabbai. Sobre a interação entre as marcas de diminutivo e aumentativo no português brasileiro. **ReVEL**, edição especial n. 5. 2011. Disponível em: <www.revel.inf.br>. Acesso em: jun. 2013.

BALLY, Charles. **Linguistique générale et linguistique française**. 2. ed. Berne: A. Francke S.A., 1944.

DE BELDER, M. Marijke; FAUST, Noam; LAMPITELLI, Nicola. **On an inflectional and a derivational diminutive**. In: NORTH EAST LINGUISTIC SOCIETY (NELS 40), 40, Cambridge, Massachusetts (MIT), November 13-15, 2009. Resumo, sem número de página.

DUARTE, Isabel Margarida. Eça de Queirós: evocação de um mundo verdadeiro que nunca existiu. In: OLIVEIRA, Fátima; DUARTE, Isabel Margarida (Org.) **O fascínio da linguagem**: actas / Colóquio de Homenagem a Fernanda Irene Fonseca. Porto: Universidade do Porto. Faculdade de Letras. Centro de Linguística, 2008. p. 174-188.

FORTIN, Antonio. **The morphology and semantics of expressive affixes**. Tese (Doutorado) – Oxford: University of Oxford, 2011.

HERGÉ. **Les aventures de Tintin**: Tintin en Amérique. Tournai: Casterman, 2006.

_____. **As aventuras de Tintim**: Tintim na América. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

HERISSON, Charles D. Le diminutif hypocoristique “petit”. **Le Français moderne**, Paris, v. XXIV, p. 35-47, 1956.

JURAFSKY, Daniel. Universal Tendencies in the Semantics of the Diminutive. **Language**, v. 72, n. 3, p. 533-578, Sep. 1996. Disponível em <<http://www.jstor.org/stable/416278>>. Acesso em: jul. 2013.

LEE, Seung-Hwa. Sobre a Formação de Diminutivo do Português Brasileiro. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 8, n. 1, p. 113-123, 1999. Disponível em: <<http://www.ai.mit.edu/projects/dm/bp/lee-diminutives.pdf>>. Acesso em: maio 2012.

POTTS, Christopher. **The logic of conventional implicatures**. Oxford: Oxford University Press, 2005. (Oxford. Studies in Theoretical Linguistics 7)

PRADE, Helga Guttenkunst. Análise contrastiva: a derivação sufixal na língua portuguesa e sua tradução para o inglês e o alemão. **Revista Letras**, Santa Maria, n. 2, jul./dez. 1991.

PRADO, Célia L. A. A organização social em Romeu e Julieta: análise de uma tradução e duas adaptações. **Revista Eletrônica Unibero de Produção Científica**, v. 4, p. 2-25, 2005.

RIO-TORTO, Graça. **Formação de palavras em português**. Aspectos da construção de avaliativos. 1993. Tese (Doutoramento em Linguística Portuguesa) – Universidade de Coimbra, Coimbra, 1993.

SANTOS, Mário Augusto da Silva. O traduzível e o intraduzível: o caso dos sufixos aumentativos e diminutivos. **Rev. de Letras**, Fortaleza, n. 23, v. 1/2, p. 71-76, jan./dez. 2001.

TURUNEN, Virpi Johanna. Diminutivo em português e em francês: um pouquinho é *un petit peu*. In: MAGALHÃES, José Sueli de; TRAVAGLIA, Luiz Carlos (Org). **Múltiplas Perspectivas em Linguística**. Uberlândia: Edufu, 2006. P. 3008-3016 [XI Simpósio Nacional de Letras e Linguística e I Simpósio Internacional de Letras e Linguística]

TURUNEN, Virpi Johanna. **A reversão da relevância**: aspectos semânticos e pragmáticos de formações diminutivas no português do Brasil. 2009. 194p. Tese (Doutorado em Linguística) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

VANDROMME, Pol. **Le monde de Tintin**. Paris: Éditions de La Table Ronde, 1994.